

## (RE) PENSANDO A ESTÉTICA CORPORAL: A RELAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM O CORPO NEGRO

Ivanilde Guedes Mattos<sup>1</sup>

**Resumo:** *Este artigo compreende uma introdução acerca da representação que as ideologias racistas perpetraram sobre o corpo negro. Tanto o higienismo quanto o eugenismo assumiram papéis fundantes para a discriminação racial na sociedade brasileira a partir do século XIX. Nesse sentido é que tomo tais ideologias para remeter ao passado os processos de sujeição a que foram obrigados os negros trazidos da África, para então refletir sobre o presente e a urgência de se (re) pensar um outro olhar para o corpo negro. Busco em autor@s, na maioria pesquisador@s negr@s, o diálogo para compreender as representações que foram construídas sobre esse corpo, que marcas históricas são na contemporaneidade reflexos de exclusão. Trago o campo da Educação Física para pensar novas intervenções sobre esse corpo através da Lei 10.639/03.*

**Palavras-chave:** Higienismo; Eugenismo; Corpo Negro; Educação Física

### 1 - INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta algumas conclusões acerca da pesquisa que buscou compreender a relação da Educação Física com o corpo negro, e envolveu estudantes e professores de seis escolas públicas da cidade de Salvador. Orientou essa investigação a suposição de que a Educação Física, da forma como é tratada nas escolas, não contempla as especificidades da corporeidade negra. A partir de conceitos como representação, identificação e estereótipo procurei perceber como a Educação Física vem trabalhando a identificação corporal dos estudantes negros.

Tenta-se compreender como essas noções estão presentes na realidade dos sujeitos pesquisados, que são estudantes da escola pública da cidade de Salvador, negros em sua maioria. Procurei na história, mais precisamente no final do século XIX, como se deram os processos de inclusão social dos corpos negros no pós-escravidão, e nesse recorte pude perceber como o ensino da Educação Física surge enquanto uma disciplina que vai, juntamente com os interesses da classe médica, assumir um papel importante junto às elites e ao Estado.

Nesse contexto, o surgimento do ensino da Educação Física como prática pedagógica pôde contribuir com a ideologia dominante que consistia na eugenia. Costa (1983), que faz uma rica reflexão acerca do poder da medicina no século XIX, descreve o cenário em que se consolidaram as novas estratégias para a formação de uma sociedade onde se pretendia das famílias uma subordinação ao Estado, através de novos métodos de higiene. Lembra o autor que, com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, intensifica-se o fluxo migratório, concorrendo para o surgimento de surtos epidêmicos, o que torna a higiene prioridade para o Estado, o qual passa o controle dos espaços urbanos para a medicina, conferindo-lhe enorme poder.

Diwan (2002) reafirma o significado que tiveram determinadas ações que incidiram sobre o corpo negro, a exemplo da política de segregação racial, em nome de uma sociedade limpa e higiênica. Também Ramos (2002) contribui com seus estudos acerca dos processos sociais, nos

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Agência financiadora: FAPESB [ivymattos@hotmail.com](mailto:ivymattos@hotmail.com).

quais o eugenismo demarcou territórios e, conseqüentemente, limitou os deslocamentos dos (negros, doentes, aleijados, desajeitados e desengonçados) desprovidos da graça e beleza características da época :

A beleza do rosto, a dimensão do pescoço, a desenvoltura do busto, das ancas, o torneado dos membros, a não-discrepância anatômica dos seios, das mãos, dos pés, a resistência das carnes, o modo de andar, de olhar, de falar...a beleza dos cabelos, o tamanho, a forma e a cor dos olhos, dos cílios e das sobrancelhas, o colorido, a forma e a dimensão dos lábios e dentes, do nariz e das orelhas [...]. Para os homens, eram comuns as teses que enfatizam a política exercida sobre o corpo, a qual deveria formar um homem típico, com as seguintes características: talhe mais delgado que cheio, gracioso de musculatura, flexível, olhos claros, pele sã, ágil, desperto, ereto, dócil, entusiasta, alegre, viril e etc. (RAMOS, 2002, p.293 e 294)

Numa sociedade racializada como a nossa, todos os espaços sociais estão demarcados racialmente. Estar atento às formas sutis de branqueamento exigiu essa periodização que se inicia no final do século XIX, quando as ideologias raciais estavam baseadas em classificações dos grupos humanos, nas diferenças imputadas ao fenótipo como parâmetro avaliador de higiene e comportamento.

Feito isso, procuro nos instrumentos de coleta como grupo focal, questionários e entrevistas uma aproximação mais detalhada do campo, considerando as subjetividades dos atores envolvidos e as relações nem sempre pacíficas que este *locus* reserva. Nessa metodologia uma das preocupações com a população-amostra foi a diversidade e a faixa etária. Selecionei então estudantes de diferentes escolas, mapeando-as em diferentes espaços geográficos e por faixa etária variada entre 12 e 18 anos.

## 2 - JOVENS/ADOLESCENTES: IMAGENS E EXPECTATIVAS

Para identificar como os modelos corporais reproduzidos socialmente orientam possíveis identificações/representações corporais desses jovens é que optei pela faixa etária convencionalmente utilizada para designar a adolescência, que varia entre 12 e 18 anos. Sendo esta etapa de vida primordial na construção de nossas identidades, é prudente certa cautela para não homogeneizar essa categoria; afinal, determinadas circunstâncias levam certos grupos de adolescentes a desenvolverem durante essa faixa etária distintas condutas sociais, emocionais e comportamentais. Exemplo disso são meninos de 12 anos inseridos no mundo do trabalho informal, meninas da mesma idade que já são mães, enquanto há outros que se encontram envolvidos em contextos de poucas experiências sociais e culturais.

Considero que os efeitos causados pela mídia na vida dos jovens/adolescentes é motivo de preocupação não só das famílias, mas também da escola, que vem sofrendo cotidianamente as pressões desencadeadas por este meio de comunicação. São os apelos por um consumo hedonista<sup>[1]</sup>, forjando possibilidades de acesso às mais variadas mercadorias, alimentando desejos e aumentando as frustrações daqueles com menos acesso ao consumo. Sayão e Bock reforçam a afirmação acima quando dizem que:

Esses modelos, cujo padrão estético não corresponde ao tipo físico mais freqüente em nosso país, podem contribuir para a construção de uma auto-imagem negativa para aqueles que não se enquadram nesse padrão veiculado

pelas propagandas. As crianças e os jovens podem se sentir feios e, conseqüentemente, diminuídos nas possibilidades de auto-aceitação e autocuidado, quesitos tão necessários para a busca de prazer nas relações afetivas (SAYÃO e BOCK, 2002, p. 02).

Assim, os padrões de beleza veiculados pela mídia são cultuados, admirados e reproduzidos. Porém, o que percebo é a forte implicação nesta cultura de imagens de corpos brancos, esguios e de cabelos lisos, eleitos como referência para esta sociedade. Percebendo que o corpo é um importante elemento de comunicação e, portanto, de inserção do adolescente no mundo adulto, confiro atenção especial a esse corpo.

A observação feita nas escolas selecionadas para a pesquisa evidenciou a presença de uma considerável maioria de estudantes negros. O delineamento da amostra se pautou no parâmetro cromático de cor do IBGE<sup>[2]</sup> e, portanto, considerei negros todos os pardos e pretos, muito embora dentre os estudantes alguns se autoterrassem como brancos, o que não invalida o critério por mim adotado, pois todos os alunos participantes da pesquisa são, por mim, considerados negros.

Uma dimensão importante para se compreender a relação desse corpo com a escola pode ser observada através da disciplina Educação Física, que não estimula os estudantes do ponto de vista da aceitação das diferenças corporais. A disciplina, ainda hoje, reproduz um modelo de atividade física regulada pela exigência de um padrão corporal representado pelo modelo dominante, cujas características são do ideal branco, masculino, alto, forte, dotado de habilidades e competências.

Assim a Educação Física, nas escolas pesquisadas, está distante da educação contemporânea, onde aspectos do currículo e suas diversas abordagens não contemplam uma prática docente mais voltada para as especificidades do seu público, como os grupos que se diferenciam por raça, gênero, religião, bairros, etc. Além disso, a formação do professor de Educação Física não é pensada numa perspectiva de abordagem crítico-reflexiva.

Isto fica evidente na ausência de um discurso específico do campo prático-pedagógico de que a Educação Física é protagonista na escola. Os professores apresentam propostas pedagógicas utilizadas por eles, que não refletem o universo das manifestações corporais próprias destes grupos, que podem ser expressas numa perspectiva da ludicidade, da motricidade ou da cultura corporal do movimento, que são propostas específicas do campo da Educação Física, mas que no discurso dos professores entrevistados não aparece.

*Eu trabalho com a linha tradicional; não vejo necessidade de mudança, afinal aqui na escola para a Educação Física, tanto faz a concepção, ninguém cobra nada mesmo (Prof<sup>a</sup> Claudia);*

*Eu trabalho com a pedagogia mais moderna, de Piaget e Vygotsky. O currículo é dividido em história da Educação Física, fundamentos dos jogos e esportes, e a parte de condicionamento físico (Prof. Marco).*

*Eu trabalho com a linha do construtivismo, pois é no que acredito. O aluno traz as suas experiências para dentro da escola, e aqui a gente contextualiza essas experiências com o meio. Eu procuro valorizar o que o aluno tem, dele, porque não adianta a gente insistir com o aluno em uma determinada modalidade que ele rejeita ou não gosta; muito melhor deixar ele demonstrar o que quer. E aí, sim, a gente incentiva. É o caso de uma aluna aqui. Ela quer organizar esse tipo de torcida organizada como tem no EUA. Como eu dou ginástica olímpica, ela trouxe essa idéia dela pra mim, e eu liberei ela a dar continuidade no projeto dela. Agora,*

*tem umas 30 meninas no grupo e ensaiam na sala de dança, quer dizer, é uma iniciativa do aluno que precisava ser incentivada. É assim que eu costumo fazer com minhas aulas. Não que eu seja liberada de tudo. Mas procuro ceder, quando acho que é possível (Prof<sup>a</sup> Rose).*

O que observei é uma apropriação de um discurso pedagógico que não compreende o corpo como uma construção histórico-social. Portanto, há que se aprofundar esta discussão, para elaborar novos métodos de Educação Física que possam pensar o corpo de outra perspectiva; afinal, hoje, discute-se a relevância de uma educação pluricultural, que possa reconhecer as diferenças presentes no âmbito escolar. Sendo a escola um espaço social de formação e construção dos sujeitos, a Educação Física não pode se manter distante dessa realidade, pois essa disciplina está presente na escola, através do currículo, com uma função bastante específica, que é pensar o corpo desses estudantes num constante movimento, compreendendo que estes corpos vivem mutações e identificações próprias da corporeidade.

Cabe à Educação Física ressignificar esse olhar, sobre os corpos desses sujeitos, que estão na escola em fase de elaboração da sua identidade. É nesse contexto que vejo o momento oportuno para a Educação Física sair dessa condição desprivilegiada do sistema de ensino e assumir um compromisso com a formação dos estudantes, que gostam da disciplina e reconhecem o seu benefício, mas, assim como acontece em quase todas as escolas públicas, são envolvidos por uma ambiência negativa e reprodutora de valores que os impede de identificar a necessidade de participação nas aulas, legitimando esse quadro inferiorizado na disciplina frente às demais e impossibilitando um trabalho construtivo de formação de cidadãos solidários.

### **3 - A EDUCAÇÃO FÍSICA E A LEI 10.639/03**

A partir da implementação da Lei 10.639/03, que introduz os conteúdos da História e da Cultura Afro-brasileira e Africana, a escola poderá dar um outro sentido para as práticas corporais e do movimento humano no cotidiano da disciplina, lembrando que é através do corpo que se dão as relações humanas. Desse modo, a Educação Física poderá atuar no enfrentamento do racismo, colaborando para o processo de transformação das relações raciais entre professores e estudantes negros, pois, como esta dissertação aponta, os professores não elaboram formas diferenciadas de educar para a igualdade, há um distanciamento social e cultural, revelando a urgência por um novo projeto educacional que contemple as diferenças.

Com criatividade e ludicidade, é possível pensar, hoje, numa readaptação, por exemplo: da corrida de saco, do baleado, das competições, dos estafetas, da ginástica e demais atividades, seguindo uma linha intercultural que dialogue com o que já está posto, dando outro significado, propiciando novas descobertas, estimulando os alunos à participação, oferecendo estas atividades numa linguagem mais próxima deles, que falem de sua história, que promovam uma leitura positiva de seus corpos.

A disciplina Educação Física na escola pode contribuir para uma identificação corporal dos estudantes negros de uma maneira bastante especial, através do corpo e da ludicidade. Do diálogo com a interculturalidade nasceu este projeto para uma Educação Física Afirmativa, o qual começa a caminhar ainda timidamente, ciente da necessidade de aprofundamento, não só em leituras que ajudem os profissionais a terem um outro olhar para a disciplina, mas, principalmente, apontando a necessidade de novas pesquisas que envolvam questões relacionadas à diversidade cultural e racial presentes em nossa educação.

O estudante jovem/adolescente negro convive com as referências dos padrões culturais hegemônicos, tidos como superiores. Uma proposta didático-pedagógica que pudesse admitir as

diferenças culturais pode criar uma ambiência positiva para pertencentes de outras culturas, presentes no interior das escolas. Atividades que envolvam a ludicidade, como recurso metodológico, recria e inova o sentido do movimento nas práticas corporais, oportunizando experiências de culturas nem superiores nem inferiores, mas diferentes.

A interculturalidade compreende os valores das diferentes culturas, cujo enfoque teórico se concentra na diferença cultural. Busco identificar, nessa proposta, um caminho para pensar a disciplina Educação Física, na perspectiva da promoção da diferença. Azibeiro (2003) tem contribuído significativamente para uma elaboração prático-pedagógica que, segundo a autora, promova o “[...] encontro e o confronto dialógico entre várias culturas, que podem produzir transformações e desconstruir hierarquias” (AZIBEIRO, 2003, p.93). A interculturalidade pode, segundo a autora, fazer emergir e interagir vozes e significados, seguidamente, reprimidos e excluídos.

Se a velocidade das informações tem produzido a internacionalização dos estereótipos, essa mesma velocidade indica que tem gerado auspiciosamente um novo contingente de identidades juvenis, a formação dos vários grupos, como os *rappers*, pagodeiros, axezeiros, funkeiros, reggaeiros, grafiteiros, etc., produções e criações contemporâneas específicas, que surgem como nova linguagem, expressões culturais e outros usos, para reivindicar cidadania.

#### 4 - ESTÉTICA HÍBRIDA

Localizar e reconhecer a importância desses grupos pode ser um caminho a ser trilhado pela educação intercultural, na expectativa de ordenação e sistematização do conhecimento sobre esses jovens, que demonstram uma desestabilização do que estava posto hierarquicamente. O domínio cultural branco não está mais sendo aceito como modelo único, superior e positivo. Os jovens/adolescentes negros indicam mudanças. Essa constatação se percebe quando da análise das suas falas é possível traduzir que a questão da identificação corporal atinge o ideal imaginário de padrão de beleza, levando estes estudantes a encontrarem formas para subverter um paradigma corporal imposto pelo padrão dominante do branco.

E o que eles trazem, enquanto uma informação bastante interessante, é que, embora sendo a maioria negra estigmatizada pela cor da pele, esses estudantes, ao se autoclassificarem, fazem opção pelo gradiente mais escuro de cor, que se localiza entre morenos, pardos, negros e pretos, como mostra a tabela 1.

Os dados mostram que os estudantes pesquisados, ao classificarem a beleza através do atributo cor, reconhecem muito pouco a cor branca como um atributo de beleza, o que pode estar relacionado a vários condicionantes. Para este trabalho, é significativo o dado revelado nesta Tabela, afinal, os pesquisados, na sua maioria negros, mostram que, em termos de ideal de beleza, no conjunto de atributos harmoniosos, a cor branca não figura como destaque.

**Tabela 1 - Distribuição percentual dos estudantes segundo o critério cor para definir beleza física-2006**

<b>COR</b>	<b>%</b>
NEGRO	37,3
PARDO	30,1
TODOS	16,0
BRANCO	9,1
ÍNDIO	4,2
AMARELO	3,3
<b>TOTAL</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa direta



É comum, em nossa sociedade, constranger as pessoas de estatura baixa. Apelidos, brincadeiras de mau gosto são as formas com que se tratam os de menos estatura. A valorização de um padrão de beleza em que a altura é um elemento significativo termina por inibir e classificar os de baixa estatura como inferiores, portanto julgados, pejorativamente, como pessoas incapazes de fazer coisas que as pessoas altas se julgam capazes, ostentando-se sua altura perante os de estatura baixa como uma vantagem.

**Tabela 2** - Distribuição percentual dos estudantes, segundo o aspecto altura para definir beleza física- 2006

<b>ALTURA</b>	<b>%</b>
MÉDIA	47,8
ALTA	38,4
BAIXA	2,2
N/I	11,6
<b>Total</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa direta

A Tabela a seguir informa a percepção do grupo de estudantes sobre o perfil corporal considerado padrão de beleza física. Dos estudantes pesquisados, 67,9% responderam que o perfil forte é um atributo apreciado, enquanto beleza física. Logo a seguir, o perfil magro, como a segunda opção, com 25,4% dos declarantes. A opção por todos os tipos aparece em terceiro lugar e, para o perfil gordo, apenas uma parcela de 3,0% de declarantes, percepção que, mesmo em proporções reduzidas, não deixa de ser surpreendente. Os dados apontam para a prevalência de um padrão de beleza instituído como um corpo modelado.

**Tabela 3** -Distribuição percentual dos estudantes, segundo o perfil de beleza física

<b>PERFIL</b>	<b>%</b>
FORTE	67,9
MAGRO	25,4
TODOS	11,2
GORDO	3,0
<b>TOTAL</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa direta

Identificou-se junto à população-amostra o perfil de beleza corporal, a cor, a altura e as dimensões do corpo. Os estudantes, ao preferirem como atributo de beleza os cabelos lisos, marcam o lugar do branqueamento quando informam, através do cabelo, ser possível uma leitura sobre si mais próxima do outro; neste caso, o modelo branco de beleza.

**Tabela 4** - Distribuição percentual dos estudantes segundo o tipo de cabelo para definir beleza física - 2006

<b>TIPO DE CABELO</b>	<b>%</b>
CABELO LISO	44,8
CABELO ONDULADO	32,5
CABELO CRESPO	17,2
RASTAFARI	5,5
<b>TOTAL</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa direta

Assim, observo que o grupo pesquisado está numa fase de vida e de experiências que, ao serem processadas pelas suas mentes, provocam não só o ordenamento das idéias, mas a elaboração de uma “estética híbrida”.

Chamo de estética híbrida, a negociação através da estética em que se observa a hibridização de atributos e signos da beleza que vão dos ideais de beleza branco tidos como positivos, o resgate e afirmação de identidades, apoiada em Hall (2003), que assim defini o conceito de hibridismo:

O hibridismo *não* se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os “tradicionais” e “modernos” como sujeitos plenamente formados. Trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecibilidade. (HALL, 2003 p.74)

Logo, o jogo cultural experimentado por esses jovens se instala, talvez involuntariamente, a partir dessa negociação, o “entre-lugar”, que segundo Bhabha (1998, p.98) é o momento de liberdade para negociar e traduzir suas identidades culturais na temporalidade descontínua, intertextual, da diferença cultural.

Portanto, é nesse “entre-lugar” que localizo os grupos pesquisados, quando afirmam ser negros e que buscam, a partir da tecnologia, da linguagem e da vestimenta um outro lugar para seus corpos que não o da estereotipia e da dominação. Essa construção, que parte do conceito de “entre-lugar”, pode configurar, no contexto atual das relações raciais, o que Bhabha (1998, p.27) propõe como *a retomada do passado como causa social ou precedente estético*.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou dialogar com o passado, conhecer a história e os processos que envolveram o corpo negro desde o surgimento da Disciplina que se operou nesses corpos, para que então, a partir dessa compreensão, eu pudesse reconhecer o entre- lugar que a corporeidade desses jovens se situa, se move, se arranja. Por isso, defino a **estética híbrida** como o resultado de várias expressões e manifestações do corpo negro na contemporaneidade.

Cientes da realidade da nossa sociedade, que se supõe racialmente “democrática”, mas que não há o respeito pela alteridade, pela diferença, os jovens/adolescentes negros são levados a absorver as representações positivas que compreendem uma imagem corporal que culmina em ser branco. Entretanto, estes estudantes compreendem que algumas representações que indicam *status*, normalmente projetadas pela estética branca, podem ser adquiridas. Logo, enveredar pela busca dos cabelos lisos como atributo de beleza, usar roupas e acessórios da moda (massificada), adquirir bens materiais podem significar a inclusão para esses jovens, que terão associadas à sua imagem o conjunto de atributos socialmente aceitos, aspectos que influenciam na construção de uma **estética híbrida**, móvel e contemporânea.

Diante do exposto, do vivido e experimentado durante a trajetória dessa pesquisa, fica o desejo que a escola possa ter um sentido de acolhimento para as crianças e jovens/adolescentes negros, que este espaço possa ser transformado pelas iniciativas da Lei 10.639/03 e pelo compromisso dos professores/educadores. Que a incansável luta do movimento negro, aliada as construções teóricas e científicas dos pesquisadores/as negros/as na proposição de políticas públicas de ações afirmativas, envolvam não só as escolas públicas de Salvador, que têm na sua maioria estudantes negros, mas se amplie para todo o Brasil, que enfrenta o racismo e a discriminação.

Assim, deduzindo que outras escolas no país tenham cotidianamente situações como as descritas nessa dissertação, sugiro que a Educação Física nas escolas seja uma disciplina que trate com sensibilidade o que os estudantes têm de mais subjetivo, que é o seu corpo, o corpo de cada um é uma história e com ele o estudante se identifica, se reconhece e cresce. Portanto, é imperioso que o professor de Educação Física detenha uma formação onde haja o ponto de equilíbrio para o reconhecimento da diferença.

## REFERÊNCIAS

AZIBEIRO, Nadir. E. **Educação intercultural e complexidade: desafios emergentes a partir das relações em comunidades populares.** In: Educação intercultural: mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003. p, 85-108

BHABHA, Homi. **O local da cultura.** Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar.** Rio de Janeiro: edições Graal,(Biblioteca de filosofia e história das ciências: v. nº5 2ª ed. 1983, p.179.

DIWAN, Pietra S. **Do feio ao belo: os caminhos da desumanização.** Projeto História, São Paulo, n.25, Dez. p.423-433, 2002.

HALL, Stuart. **Da diáspora, identidades e mediações culturais.** Organizado por Liv Sovik. Tradução Adelaine La Guardiã Resende.. [et. Al]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil. 2003

RAMOS, Maria Bernadete. **Perfectíveis corpos - corpo e nação: territorialidades imponderáveis** In PROJETO, História. Corpo & Cultura: Rev. do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. São Paulo. nº25, Dez. 2002.

SAYÃO, Yara. BOCK, Silvio D. **Texto introdutório. Janela sobre o corpo.** Edição Equipe Educared. Out.2002. Disponível em: [www.educarede.org.br](http://www.educarede.org.br). Acessado em 01.07.05.